Imagens pensativas: o retrato jornalístico como direito humano de representação

Dulcilia Helena Schroeder Buitoni[1]

Resumo: A maioria das fotos dos jornais digitais e sites informativos são meramente ilustrativas; o crescimento das imagens em circulação na mídia contribui para fotos e vídeos superficiais, com pouca informação e pouco cuidado estético. Quando as mídias jornalísticas retratam pessoas, a tendência é a padronização. Foi adotado um conceito amplo de retrato, sem se apegar a definições técnicas e estéticas da história da fotografia. Com o auxílio de conceitos de teorias da imagem, analisamos algumas produções de informativos digitais e reforçamos a necessidade da utilização desse instrumental teórico para análise e produção de fotos que contemplem a individualidade e a personalidade do retratado. Busca-se o retrato não estereotipado, complexo e reflexivo, que permita algum conhecimento a mais – é um direito humano ter sua identidade retratada jornalisticamente com um olhar cuidadoso.

Palavras-chave: jornalismo digital; retrato; representação jornalística; imagem complexa; imagem transitiva.

1. Retratos em profusão

Vivemos um tempo em que, em poucos anos, houve profundas mudanças no consumo da informação e no consumo do entretenimento. A Babel midiática parece apresentar uma multiplicidade de vozes. Nunca tivemos acesso a tantos dados, mas não se pode dizer que vivemos numa sociedade do conhecimento; é uma sociedade de muita informação, quase sempre formada de repetições infinitas de notícias descontextualizadas, unilaterais, manipuladas e priorizadas por buscadores. Há muitas comunicações fáticas, que não trazem informações significativas. Abraham Moles denomina os conteúdos fragmentados oferecidos pelos meios de comunicação de "cultura mosaico". Lucia

[1] Professora do mestrado profissional em Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM

Santaella (2004) utiliza o termo mídia mosaiquica, referindo-se à expressão criada por McLuhan; e Mar de Fontcuberta (2017, p. XIV) nos diz de um "jornalismo mosaico" quando um acontecimento, que precisa ser explicado por diferentes ângulos (político, econômico, social etc), é oferecido de forma descontextualizada. Para ela, o jornalismo mosaico está mais preocupado com o dado do que com seu significado e por isso costuma confundir um fato relevante com fatos acidentais e banais. No universo midiático, sobressai o poder icônico das imagens, que transcendem o escrito, por sua possibilidade instantânea de comunicação. Com a tecnologia, a condição de superficialidade e irrelevância das imagens ampliou-se mais e mais, pela facilidade de captação e disseminação. Houve um tempo, no já distante século XX, em que fotografias jornalísticas eram pensadas em suas possibilidades expressivas e informativas; o fotojornalismo de qualidade aparecia com uma certa frequência em jornais e revistas. De uma maneira geral, o fotojornalismo não tem encontrado muito espaço na internet. Mesmo com todos os avanços na produção, fotografias e vídeos em sites jornalísticos da internet não utilizam todas as possibilidades das tecnologias digitais.

Neste trabalho, vamos nos concentrar em um formato de fotografia, o retrato. Assim como ocorre no universo das imagens midiáticas, os retratos publicados perderam muito de sua expressividade e significação. Não pretendemos fazer referência a toda a tradição documental da fotografia, toda a sua produção com finalidades sociológicas, antropológicas e etnológicas. O foco da atenção são as características de significação jornalística de retratos divulgados em jornais digitais ou sites informativos, relacionando-as com conceitos de teorias da imagem. Consideramos que tais conceitos são poderosos instrumentos de análise e fornecedores de pistas para a produção de retratos que apresentem mais informação e sentidos configuradores da humanidade dos personagens.

Os retratos que aparecem em jornais digitais e sites jornalísticos dificilmente escapam à banalização e à estereotipia que vem sendo inclusive reforçada pela produção "amadora" que predomina nas redes sociais. As tendências narcisistas, o incentivo ao consumo e a espetacularização contribuem para um desfile de retratos e cenas que reproduzem clichês publicitários: celebrações, celebridades, festas, viagens, gastronomia. Os retratos com finalidade jornalística ou são simplesmente ilustrativos, solicitando que

se reconheça o personagem, ou também fazem parte dessa estética consumista. A discussão que empreendemos busca a produção de retratos que correspondam ao direito humano de ter sua identidade representada e respeitada. Os retratos publicados destinam lugares e funções para as pessoas. Lembremos John Berger: "ver precede as palavras. A criança olha e reconhece, antes mesmo de poder falar. Mas existe ainda outro sentido no qual ver precede as palavras: o ato de ver que estabelece nosso lugar no mundo circundante" (1999, p. 9). É uma relação de mão dupla. O retrato que vemos determina um lugar para a pessoa retratada; ao mesmo tempo, indaga sobre o lugar que estamos ocupando. Continua Berger: "explicamos o mundo com palavras, mas as palavras nunca poderão desfazer o fato de estarmos por ele circundados" (1999, p. 9). Para ele, toda imagem incorpora uma forma de ver. Uma fotografia é a seleção de uma cena entre várias outras possíveis. O modo de ver do fotógrafo, ou do editor, deixa marcas na edição final. "Contudo, embora toda imagem incorpore uma maneira de ver, nossa percepção ou apreciação de uma imagem depende também de nosso próprio modo de ver" (1999, p. 12). Que formas de ver nos propõem os retratos jornalísticos?

2. Imagens em fluxo

Jornais impressos, jornais digitais, sites informativos do mundo inteiro publicam imagens muito parecidas. A maioria das fotos são meramente ilustrativas; servem apenas para reconhecer, identificar, rememorar ações ou personagens. Boa parte provém de agências ou de bancos de imagens, o que contribui para uma homogeneização cultural e estética; dificilmente se notam traços autorais. Também há uma forte influência da estética publicitária. Às vezes é difícil perceber se uma foto é jornalística ou se foi produzida como publicidade. A própria diagramação de jornais impressos contribui para essa interpretação equivocada quando, por exemplo, nas capas dos cadernos culturais são inseridas enormes fotos publicitárias: à primeira vista essas imagens parecem estar relacionadas ao texto da matéria jornalística.

Tanto os jornais impressos quanto os digitais estão fazendo pouco uso de imagens jornalísticas mais trabalhadas. Apesar da presença avassaladora das imagens, exis-

te ainda um paradoxo causado pela migração para pequenas telas. A diminuição das telas e a mobilidade dos suportes estão fazendo com que os títulos verbais sejam usados para atrair a atenção mais do que as imagens propriamente ditas. Verificamos então que as imagens na internet, além de não explorarem suas possibilidades informativas, narrativas e estéticas, também não são usadas para chamar a atenção como nas antigas publicações impressas. Devido à migração para tablets e smartphones, o pequeno espaço da tela está preferindo as chamadas sensacionalistas em texto para atrair os leitores.

Pela rapidez na captação e na edição das imagens, pelo amplo uso de imagens fornecidas por agências e bancos de imagem, a avaliação confirma tendências globais. As fotos são ilustrativas, pouquíssimas trazem indícios de embrião narrativo. Uma imagem com embrião narrativo funciona como um *frame* de uma sequência narrativa e apresenta um *plus* de informação jornalística. Geralmente é parte de um movimento, porém pode ser também uma cena estática. Um instante foi congelado, mas aquela foto nos estimula a pensar que houve algum movimento antes ou que haverá um depois. O embrião narrativo guarda alguma relação com o conceito de ***punctum***, de Roland Barthes (1984). O *punctum* é um detalhe da foto que atrai a atenção do leitor; nem sempre um *punctum* é o mesmo para diferentes pessoas. Barthes diz que o *punctum* "tem, mais ou menos virtualmente, uma força de expansão. Essa força é frequentemente metonímica" (Barthes, 1984, p. 73). E complementa: "o *punctum* é, portanto, uma espécie de extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver" (Barthes, 1984, p. 89).

Figura 1. Site O Estado de S. Paulo. Nova operação na Cracolândia. Acesso no dia 12/06/2017.

Essa foto (Figura 1) de uma operação realizada na Cracolândia, na cidade de São Paulo, em junho deste ano, apresenta um embrião narrativo. A legenda registra que "policial tira do fogo usuário de drogas"; a cena parece mesmo recorte de uma ação em movimento. O policial segurando o homem, as labaredas atrás, a posição de todos os indivíduos indica uma movimentação que estava em curso, congelada em uma fração de segundo. Não é uma pose, houve ações anteriores e outras na sequência; o extracampo também está ali. Fotos com embrião narrativo têm seu potencial jornalístico aumentado.

3. Complexidade, reflexibilidade e transitividade

Vamos focalizar o retrato, porém não nos apegando a definições técnicas e estéticas de retrato. Neste trabalho, consideramos retrato a imagem que focaliza pessoas, tentando registrar traços individuais; tanto pode ser uma imagem do rosto em close ou de plano médio, ou ainda de corpo inteiro. Com a finalidade de desenvolver olhares analíticos e críticos sobre os retratos jornalísticos e também propor elementos que sirvam para a produção e a edição de imagens mais expressivas e informativas, apresentaremos conceitos que se mostram muito adequados para o estudo das imagens documentais.

Dois conceitos são fundamentais para investigação de imagens digitais: o conceito de hipertexto, de Pierre Lévy, e o de imagem complexa. Para denominar sistemas textuais que operavam com diferentes interfaces e abriam inúmeras possibilidades de caminho, Pierre Lévy (Lévy, 1993:33) escolheu o termo hipertexto, ao invés de multimídia interativa ou hipermídia, acentuando que tal preferência não excluía a dimensão audiovisual: "Ao entrar em um espaço interativo e reticular de manipulação, de associação e de leitura, a imagem e o som adquirem um estatuto de quase-textos".

O conceito de imagem complexa foi desenvolvido pelo professor da *Faculdad de Ciencias de la Comunicación* da *Universidad Autònoma de Barcelona*, Josep M. Català, grande conhecedor da história da arte e especialista em cinema, criador de um *Master en Documental Criativo* na mesma universidade. Català elaborou um profundo e alentado compêndio sobre as imagens, *La imagen compleja: la fenomenología de las*

imágenes en la era de la cultura visual, onde expõe a genealogia do seu conceito. Das inscrições pré-históricas ao cinema experimental contemporâneo, ele investiga o interior das imagens, as figurações da imagem – com discussões sobre metáfora e interfaces.

A construção do conceito de imagem complexa empreendida por Català ultrapassa a noção de hipertexto: sem negá-la, propõe um instrumento de pesquisa de produtos midiáticos ainda mais profícuo. Para ele, as imagens "realistas" (objetivas, científicas) buscam a transparência, a mimese, a ilustração e pedem a observação não ativa, passiva. Já a imagem complexa tem características de opacidade, de reflexão, de interatividade. Ao passar pela arte e pela subjetividade, a imagem "realista" torna-se complexa. O mito fundador do conhecimento ilustrado é a transparência e, assim, a imagem, em sua concepção mais tradicional, se limitaria a reproduzir a superfície do mundo, seria uma espécie de espelho. Mas a imagem não é uma janela para o mundo nem uma transposição da realidade; é necessário pensarmos na opacidade que pode existir até na imagem mais transparente. Uma imagem com características de opacidade estimula o pensar sobre, estimula a reflexão.

Català também se refere ao mito da imagem mimética (2005, p. 73), que fundamenta a necessidade da representação realista, que persiste apesar de no século XX grande parte da arte e da tecnologia terem trabalhado contra ela. Porém, a busca da representação mais fiel é o grande dilema epistemológico da fotografia e, por consequência, do fotojornalismo. A característica indicial da imagem de matriz fotográfica pode ser uma saída; apesar disso, a obsessão pela cópia é muito forte:

> Nossa visão, construída culturalmente, apela uma e outra vez ao recurso da mímesis para a compreensão das imagens, e quando estas deixam claramente de ser cópias da superfície do real, acudimos ao símbolo como ultimo procedimento que nos permita estabelecer uma ponte entre a realidade e o representado. Não é pois de estranhar que, mais além das vanguardas profundamente antimiméticas, as imagens que ao largo do século foram buscadas pela nossa cultura tecno-científica (cinema, televisão, vídeo), tenham sido de um crescente realismo que acaba se cristalizando nessa Realidade Virtual onde o realismo tradicional alcança sua culminação. (CATALÀ, 2005, p. 73)

Para ir mais além do realismo, Catalá pensa em "uma construção visual que proponha pontos de referência com a realidade, sem recorrer necessariamente a um fantasmagórico realismo" (CATALÀ, 2005, p. 75). É a imagem expositiva, que revela estruturas internas de conhecimento, superando representações miméticas e ilustrativas. Tra-

balhando um "pensamento visual", expõe como o conceito tradicional de imagem transparente, mimética e ilustrativa pode dar lugar à imagem complexa: opaca, expositiva, reflexiva e interativa. Ele mostra (p. 68) como a visualidade científica, deixando-se contaminar pela arte, pela subjetividade e pelas emoções, transforma-se em visualidade pós-científica, em imagem complexa. Ele diz que não é fácil encontrar muitos exemplos de imagens reflexivas porque se trata mais de um projeto de futuro, produto da confluência da tradição da imagem com as novas tecnologias.

Iniciado em outubro de 2014, o projeto *UOL TAB* pretende, a cada segunda-feira, fazer reportagens sobre temas provocativos apresentados de forma dinâmica e criativa. As produções envolvem fotos de qualidade, vídeos, entrevistas com áudio, trilhas sonoras, mapas, infografias, tentando propiciar uma fruição interativa por parte dos usuários. Todavia, encontramos muitas fotos ilustrativas e galerias de imagens com fraca articulação narrativa. Quase sempre as legendas não conduzem a um fluxo narrativo; também há questões problemáticas de design, com legendas ora abaixo da imagem, ora na lateral. Usaremos como exemplo o *TAB Quilombos resistem*, publicado no *UOL* em 11 de junho de 2017. O início mostra o vídeo de uma roda de mulheres dançando, sem nenhum áudio. Um vídeo, com depoimento de uma quilombola, Regina Aparecida Pereira, que começa falando em dialeto africano, serve como fio narrativo para apresentar dados históricos e cenas da cultura dos quilombos. Depois, há uma grande quantidade de texto, entremeado por fotos isoladas ou grupo de fotos.

Figura 2. Site UOL TAB. Quilombos resistem (11/06/17). Ilha de Marambaia.
Até 2011, a comunidade vivia à luz de velas, conta Tacira Alves. Acesso dia 12/06/2017.

Figura 3. Site UOL TAB. Quilombos resistem (11/06/17). Ivaporunduva.
Com barro e bambu, Benedito do Rosário ergueu a casa de pau a pique. Acesso dia 12/06/2017.

Estas duas fotos (Figuras 2 e 3), com legendas na porção inferior e acompanhadas de algumas fotos menores, são retratos que dispõem de alguma complexidade, mas ainda buscam a transparência e o mimetismo. Não há fluxo narrativo entre as imagens; as legendas é que induzem alguma possibilidade de narrativa.

As características de reflexividade e interatividade nos levaram a conceber a imagem complexa como imagem transitiva. A aplicação da imagem complexa a diferentes objetos de pesquisa em comunicação tem permitido o desenvolvimento da conceituação da imagem transitiva. A imagem que provoca reflexão, que convida à interação, que solicita a presença de outras imagens, tem características transitivas. Consideramos, então, que a imagem complexa dispõe de potencialidades transitivas, principalmente quando flui pela internet. Ao aportar significado, ao construir conhecimento, ao transfigurar-se em arte, a imagem reveste-se de qualidades transitivas. A imagem transitiva pede mais espaço, pede objetos, pede sentidos. É possível ainda apontar relações transitivas – embora pouco complexas – na circulação de imagens nas redes sociais, dinâmica em que interagem sistemas de identificação e de afetos.

A transitividade das imagens envolve um outro conceito de Català, o conceito de interface, já apresentado no livro *La imagen compleja* e ampliado numa obra específica, *La imagen interfaz*. Para ele, a imagem interface funciona como um modelo mental, como um modelo de pensamento. A interface não só relaciona imagens, mas também

põe em funcionamento textos ou vozes, colocando-os no âmbito da imagem, do visual (Català, 2010, p. 276). Para entender as novas visualidades, para utilizá-las no jornalismo digital, a fenomenologia estético-científica de Català nos aponta caminhos "nos quais teoria e prática se enriqueceriam mutuamente e intercambiariam seus papeis quando fosse necessário".

4. Retratos possíveis

Em busca de imagens complexas e transitivas nos retratos que circulam nas mídias, alguns exemplos se destacam. Selecionamos um grande projeto que já dura mais de dez anos e que retrata pessoas de todas as regiões do mundo e um webdocumentário, *Borges en Clarín*, produzido pelo jornal digital argentino Clarín.

O projeto *7 Bilhões de Outros* (Figura 4), iniciado em 2003 pelo cineasta, fotógrafo, jornalista e ambientalista francês Yann Arthus-Bertrand, juntamente com Sibylle d'Orgeval e Baptiste Rouget-Luchaire, vem concretizando uma forma de documentar pessoas de diferentes etnias, de diferentes lugares do mundo, registrando suas faces, suas falas e seus pensares sobre a vida. A individualidade de cada uma das mulheres e de cada um dos homens filmados é ressaltada nos vídeos de enquadramento frontal, onde vemos só o rosto e escutamos o depoimento na língua original, com tradução em inglês ou outras línguas ao lado, num espaço escuro. Como identificação, apenas o primeiro nome e o país onde mora. Foram filmadas 6000 entrevistas em 84 países, por seis diretores que seguiram o mesmo modelo de enquadramento e filmagem.

Figura 4. Site 7 Billion Others. Acesso no dia 17/07/2017.

Os entrevistados responderam às mesmas perguntas sobre seus medos, sonhos, problemas, esperanças. Havia um roteiro de cerca de quarenta perguntas; as respostas fazem com que encontremos igualdade de sentimentos, mesmo com a diferença de culturas. Com esses retratos falantes, foram editados pequenos documentários, geralmente reunindo falas sobre o mesmo assunto, divulgados na TV, em festivais de documentários, em exposições e em eventos, inclusive com vídeo-exposição no MASP (SP), de 20 de abril a 10 de julho de 2011. Além disso, foram montados em filme de longa-metragem. Todo esse material está acessível no site http://www.7billionothers.org/. O grande mérito é a preservação da identidade pessoal, da identidade cultural e da expressividade de cada um, configurando um excelente exemplo de retrato documental. Questões de gênero e de classe também são contempladas nesse formato que, em sua aparente simplicidade, apresenta momentos de grande profundidade e reflexão sobre a condição humana.

Figura 5. Site 7 Billion Others. Marie-Antoinette, de Burkina Faso, falando sobre sonhos. Acesso no dia 17/07/2017.

Figura 6. Site 7 Billion Others. Adirceu Aquino, do Brasil, falando sobre família. Acesso no dia 17/07/2017.

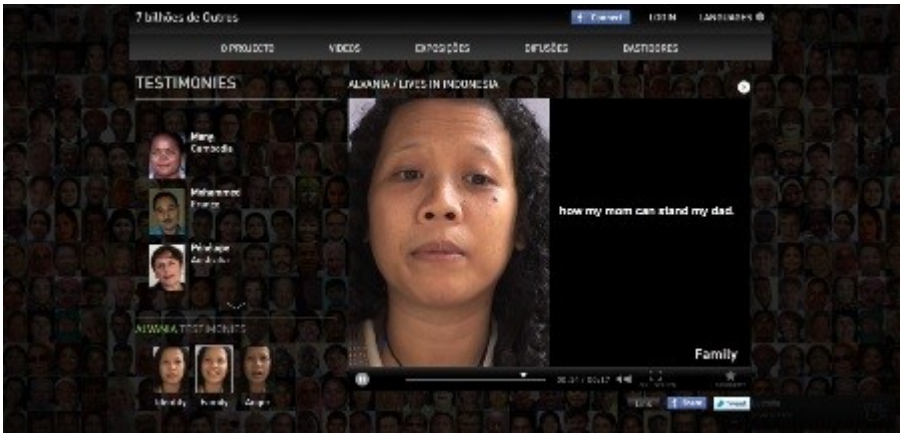

Figura 7. Site 7 Billion Others. Alvania, da Indonésia, falando sobre família. Acesso no dia 17/07/2017.

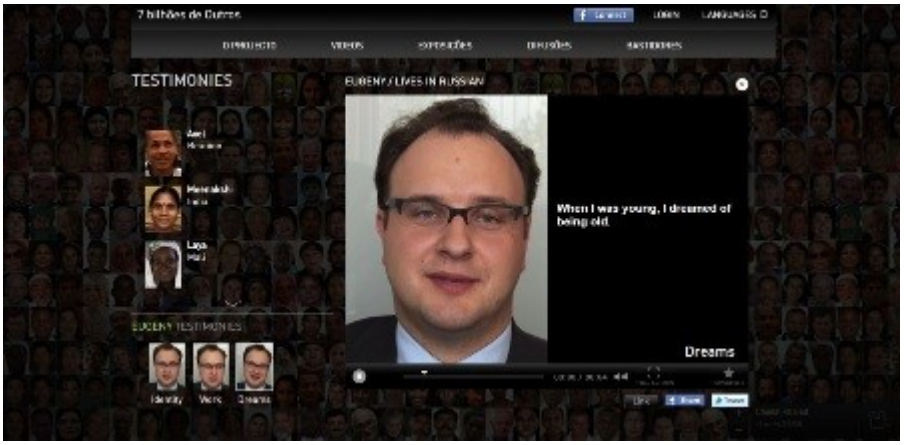

Figura 8. Site 7 Billion Others. Eugeny, da Rússia, falando sobre sonhos.
Acesso no dia 17/07/2017.

A identidade e a expressão individual de cada pessoa filmada (Figuras 5, 6, 7 e 8) estão representadas com fidedignidade e respeito. Uma decisão de enquadramento contribui para a focalização na pessoa retratada: o rosto aparece em close, a tela toda com um espaço escuro; não há distração para um cenário em torno; ouve-se a fala original, na língua de cada um. A identificação do país aparece na tela; percebemos algumas coisas como classe social ou nível cultural pela música da fala e por um ou outro adereço ou acessório. Ao final de um conjunto de depoimentos, por vezes as pessoas são mostradas em plano maior, em frente a suas casas ou em outra cena externa, onde é possível observar mais detalhes do lugar onde vive. Esse recurso privilegia o olhar e a escuta na pessoa, no retrato falante. Pela produção das imagens e por todas as possibilidades de montagem feitas a partir dos vídeos de cada pessoa, podemos considerar esses retratos, contaminados pela arte e pela subjetividade, como imagens complexas, transitivas e interativas.

Outro exemplo de utilização de retratos com doses de complexidade e com propriedades de interface é o webdocumentário *Borges en Clarín* (provavelmente publicado no Clarín digital em 2006) que traz links para uma leitura não-linear e multidimensionada. O documentário é visto numa sequência de animação horizontal: as imagens fluem numa estreita tira desenhada que ocupa apenas uma parte da tela, com grandes espaços brancos acima e abaixo. É uma maneira muito diferente de preencher a tela do computador, onde quase sempre os documentários funcionam em rolagem

vertical. Textos e áudios estão disponíveis ao longo do "hiperdocumentário": é possível interromper o fluxo para ler uma história, um fac-símile, um poema ou ouvir uma atriz famosa declamando um texto do escritor. O trabalho de articulação visual/verbal pode ser vivido de muitas formas, com interrupções para a leitura de textos ou para ouvir leituras das obras de Borges. Este webdocumentário ímpar foi produzido por uma equipe de editores e designers, que realiza plenamente as possibilidades do hipertexto; também é um excelente exemplo de trabalho com imagens complexas, por sua transitividade e interatividade.

Figura 9. Webdocumentário Borges en Clarín. Acesso no dia 12/06/2017.

Borges en Clarín apresenta duas possibilidades de navegação: pode-se começar por uma ou outra. No início do documentário (Figura 9), o retrato em cores da escritora Beatriz Sarlo aparece, ao mesmo tempo em que ela começa a falar sobre a presença de Borges no Clarín. Logo surge uma foto de Borges em preto e branco: a alternância de fotos em preto e branco e coloridas indica diferenças temporais; sendo que o preto e branco se refere a fotos do passado. Sempre que alguém começa a falar, aparece o retrato correspondente: o espectador é que realiza a operação mental de perceber que a nova fala pertence ao novo retratado. Em uma faixa abaixo das imagens, a fala dos entrevistados é reproduzida em texto.

Os retratos são fotografias estáticas, que adquirem movimento pela animação na tira desenhada e pela possibilidade de funcionarem como interface para trazer informações (como saber que um novo depoente está falando) ou para serem trânsito

para outras imagens. Apesar de serem retratos de estilo convencional, nota-se que houve todo um trabalho de pauta e de edição; têm qualidade jornalística e estética. São retratos que trazem informações de identidade pessoal e cultural e respeitam a personalidade enfocada; pelas suas potencialidades de articulação narrativa e de sugestões de interpretações, podem ser consideradas como imagens complexas e transitivas.

Figura 10. Webdocumentário Borges en Clarín. Acesso no dia 12/06/2017.

As imagens estáticas adquirem movimento, aparecendo como se-moventes, co-moventes – tais características suscitam modificações temporais e introduzem narrativas. Os retratos são inseridos no processo narrativo, acelerando, suspendendo, reduzindo o ritmo. Há uma cuidadosa articulação entre as falas e as imagens, configurando um produto audiovisual inovador. Vários retratos de Borges pontuam a narrativa: ao expor facetas e expressões de diferentes épocas de sua vida, vão compondo um retrato identitário construído por sobreposições e justaposições.

Figura 11. Webdocumentário Borges en Clarín. Acesso no dia 12/06/2017.

Imagens jornalísticas das mães da Plaza de Mayo (Figura 11) lembram que Borges escreveu sobre elas. O webdocumentário *Borges en Clarín* mostra como as imagens podem ser complexas e transitivas e funcionar como interface. Ao operar como um modelo mental, as imagens trabalham como interface, podendo colocar em funcionamento textos verbais, vozes e sons que não estão presentes na navegação matriz. Houve uma grande produção de webdocumentários pelo Clarín no final da primeira década do século. Vários temas foram tratados em webdocumentários como *Narcoguerra* (México); *Cayucos* (barcos que transportam imigrantes pelo Mediterrâneo); *Brasil Petrolero*; *Ruta 66*; *Antartida se derrite*; *El viaje en que Ernesto se convirtió en el Che*; *Cuba sin Fidel*, entre outros. Em todos eles, os retratos e os vídeos com entrevistados dispensam especial cuidado à representação da identidade pessoal.

5. Por imagens pensativas e pensantes

Jornais impressos, jornais digitais e sites informativos estão fazendo pouco uso de imagens jornalísticas mais elaboradas. Os retratos não fogem a essa tendência generalizada: a produção convencional é regra. É possível relacionar a má qualidade à velocidade do processo jornalístico, à overdose de estímulos visuais, à facilidade de

fotografar e capturar vídeos no celular. Nunca se produziram tantas imagens, nunca houve tal quantidade de retratos sendo feitos e compartilhados. No entanto, temos de buscar imagens mais significativas e mais informativas. Imagens que provoquem significâncias intersubjetivas. No momento, no jornalismo digital, essas imagens são exceção. O contexto atual da mídia pede fotógrafos, cinegrafistas e editores com mais atenção para a produção de imagens jornalísticas que se destaquem em meio a tantas visualidades superficiais e descartáveis.

Estudar a fenomenologia de imagens jornalísticas publicadas na internet é de grande importância para a formação de jornalistas e para os profissionais que atuam no mercado. Em todo o mundo, jornais impressos estão diminuindo a circulação: as pessoas estão acessando notícias via internet em computadores ou smartphones. Para o público mais jovem, a maior parte do acesso é digital, havendo uma grande migração para o consumo de notícias via Facebook, Twitter e outras redes sociais. A matriz de imagem fotográfica tornou-se uma grande referência no imaginário social e hoje sua presença em cada segundo da vida forma nossa consciência imagética. O jornalismo tem enorme responsabilidade na produção e difusão de imagens, podendo reforçar estereótipos ou atingir novos caminhos para a igualdade e a sustentabilidade. A grande imprensa, passando por mudanças estruturais, não tem aberto espaços para imagens e retratos significativos. A migração da imagem fotográfica do meio impresso para a mídia digital trouxe profundas transformações na produção, fruição e armazenamento, que talvez ainda não acompanhemos por estarmos imersos nas imagens mais comumente usadas, sempre substituídas e substituíveis.

O webjornalismo ainda está engatinhando no uso desse campo imagético construído por matrizes fotográficas. A imagem digital propiciou reprodução, espetacularidade e mobilidade. Todavia, quase não vemos imagens expressivas. A imagem fotográfica contemporânea, compreendida e trabalhada em sua complexidade, poderia trazer formas de jornalismo mais informativas e transformadoras. Mesmo que as possibilidades tecnológicas pareçam ter aberto infinitos caminhos criativos, a fabricação de imagens digitais é determinada pelo programa gravado no aparelho ou máquina de produção ou reprodução. Então, precisamos encontrar maneiras de criar imagens jornalísticas que não sejam tão sujeitas a programas automáticos. Além disso, as

possibilidades de seleção e de acesso também são limitados pelos algorítmos, uma outra forte maneira de promover a padronização.

Os conceitos de imagem complexa e de interface mostram grande eficiência na pesquisa de jornalismo, bem como no incentivo para a criação de novas visualidades jornalísticas. Funcionam para analisar fotografias, retratos jornalísticos, narrativas visuais e audiovisuais, contribuindo tanto para a compreensão e interpretação como para orientar a produção e edição. Mostramos o projeto *7 Bilhões de Outros* e um webdocumentário do Clarín digital como exemplos do uso criativo de linguagens multimídia e da utilização de retratos como imagens complexas, reflexivas, transitivas e interativas.

O conceito de interface é essencial para a compreensão e ativação das funções estéticas e cognitivas de fotografia. Inerente aos espaços de hipertexto e multimídia, a interface tem no computador uma base principalmente visual; mas não podemos esquecer que a interface também envolve textos e sons. Assim, através da produção de uma foto ou vídeo para ser inserido na web, não se pode pensar apenas na imagem; cada vez mais o áudio deve ser imaginado como um componente da expressão comunicativa. Os retratos falados e falantes de *7 Bilhões de Outros* e de *Borges en Clarín* ganharam mais força com a inclusão dos sons da palavra. Sonoras, as palavras e as imagens podem ser combinadas, carregadas de interações complexas e causando percepções igualmente complexas. Precisamos pensar sobre as imagens e os retratos, para que as imagens sejam pensativas e pensantes e não concebidas e disseminadas por programas automáticos ou escolhidas por algoritmos. Precisamos de retratos jornalísticos demasiadamente humanos.

Referências

BARTHES, R. **A câmara clara**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERGER, J. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CATALÀ, J. M. **La imagen compleja:** la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual. Barcelona: UAB, Servei de Publicacions, 2005.

CATALÀ, J. M. **La imagen interfaz:** representación audiovisual y conocimiento en la era de la complejidad. Bilbao: Universidad del País Vasco/Servicio Editorial, 2010.

FONTCUBERTA, M. de. **La noticia:** pistas para percibir el mundo. Barcelona: Paidós Comunicación, 2017.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

SANTAELLA, L. Antecedentes da alinearidade hipermidiática nas mídias mosaiquicas. In: BRASIL, A. e outros (Org.). **Cultura em fluxo:** novas mediações em rede. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

Links

http://www.7billionothers.org/

https://tab.uol.com.br/quilombos#quilombos-resistem

https://www.youtube.com/watch?v=ZJTE52Ygucw